

CELESC

O IMPACTO DA INÉRCIA

Enquanto o governo não se manifesta, indefinições na Celesc podem prejudicar empresa, trabalhadores e sociedade catarinense

PG. 2



FIM DE CICLO NA ELETROSUL

PG. 3

OPERADORES EVITAM EXPLOÇÃO EM SE

PG. 3



O DISCURSO DA MÉRITOGRACIA ESCONDE NOSSO PASSADO MAL RESOLVIDO

PG. 4



O IMPACTO DA INÉRCIA

Enquanto Governo não se manifesta, indefinições na Celesc podem prejudicar a empresa, trabalhadores, e a sociedade Catarinense

As indefinições na Celesc podem ter graves consequências. Após a manobra da Angra (os terceirizados da Previ no Conselho de Administração da Celesc) ter impedido a nomeação dos diretores na Celesc, a inércia começa a prejudicar a empresa, os trabalhadores e a sociedade catarinense. Ter uma diretoria é fundamental para que a empresa funcione. Neste clima de suspense que se instalou na empresa, nada anda e muitos dos serviços fundamentais podem estar na geladeira. Já comentamos na última edição a óbvia impotência dos diretores diante da Angra. Afinal de contas, se estes não estão garantidos e, pior, precisarão dos votos dos terceirizados da Previ para serem "oficializados" no cargo, irão enfrentar os desafios do dia a dia sem ter garantia no emprego?

A imagem da Celesc foi muito agredida nos últimos anos. As dificuldades em atender a sociedade surgiram de uma política que pregava o sucateamento da empresa para deixá-la agradável a investidores. Poucos trabalhadores e parques investimentos deixaram um

"Ter uma diretoria é fundamental para que a empresa funcione. Neste clima de suspense que se instalou na empresa, nada anda e muitos dos serviços fundamentais podem estar na geladeira"

caos na sociedade. Aos poucos, com a intervenção do Representante dos Empregados no Conselho e com as mobilizações e paralisações organizadas pelos sindicatos da Intercel conseguimos forçar a realização de novos concursos públicos e a contratação de mais trabalhadores. Entretanto, um dos grandes problemas que afeta o atendimento de qualidade, a falta de material, continua e pode se agravar. Se hoje os trabalhadores sofrem com a dificuldade da diretoria em garantir suprimentos em quantidade necessária, tendo que improvisar com equipamentos retirados da rede, criatividade e responsabilidade com o consumidor, imaginem agora, sem diretores de fato na empresa. O processo de compra de materiais para uma empresa pública é burocrático. Licitações demoram e sempre há a judicialização dos processos, atrasando ainda mais a resolução. Mas e se a licitação não for nem encaminhada? Esse é um dos grandes riscos que corremos sem uma diretoria realmente constituída.

relações importantes para os trabalhadores como a revisão do Plano de cargos e Salários, estarão prejudicados. O fato é que além de pôr em risco as relações de trabalho na empresa, a falta de definições na Celesc ameaça a empresa pública e nos aproxima cada vez mais da privatização. A cada dia que passa a Angra ganha mais tempo para barganhar com o governo. Ganha mais poder para intervir na gestão da Celesc. Executivos de mercado não priorizam condições de trabalho ou o alto número e gravidade de acidentes de trabalho no setor elétrico. A qualidade no atendimento à sociedade não é prioridade. Tudo que importa são os números

2 meses nas mãos da Angra?

Em um período de grandes dificuldades e contingências, com temporais atingindo o estado em proporções nunca antes vista, a falta de pulso do governo para resolver a situação não só põe em risco a sociedade catarinense como se configura em um ataque aos trabalhadores. Diversos assuntos da relação capital x trabalho que devem ser resolvidos com a Diretoria estão parados e sem previsão de resolução. A falta de uma diretoria realmente constituída, agravada pela renúncia do Diretor de Gestão Corporativa, André Bazzo, na última sexta-feira pode levar à Celesc ao descumprimento de cláusulas do Acordo Coletivo de Trabalho. Também grupos de trabalho que debatem

e valores. Neste jogo de poder, os grandes prejudicados serão o povo e os trabalhadores. E, se por um lado a culpa é da Angra e da Previ, por outro a responsabilidade é do Governo do Estado. O Governo do Estado, acionista majoritário e controlador da empresa, que vêm afirmando categoricamente defender a Celesc Pública e respeitar os trabalhadores tem que sair da inércia e tomar as rédeas desse processo. Com tanto em jogo, com a maior estatal catarinense sendo dominada pela lógica do dinheiro, o governo não pode mais ficar parado. Os trabalhadores da Celesc e os sindicatos da Intercel não ficarão.

Trabalhadores unidos e mobilizados em defesa da Celesc Pública



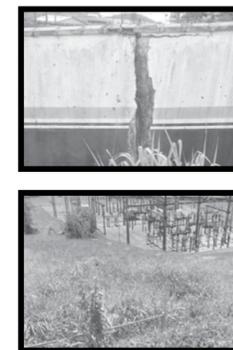
A demora do governo para constituir a diretoria e dar condições para que a Celesc não fique nas mãos de acionistas que declaradamente buscam intervir na gestão da empresa em busca de altos lucros em detrimento dos direitos dos trabalhadores e do bom atendimento à sociedade catarinense não será tolerada pelos trabalhadores.

Desde a última terça-feira, dia 4, os sindicatos da Intercel e o Representante dos trabalhadores no Conselho de Administração estão realizando concentrações no estado para mobilizar os celesquianos em busca de uma grande manifestação para que a Celesc tenha enfim uma diretoria constituída, garantindo condições de trabalho e atendimento à socie-



dade. Novamente estamos em uma luta contra a privatização da empresa. Historicamente conseguimos resistir com a união dos trabalhadores organizados através dos sindicatos da Intercel. Paralísamos e protestamos contra diversos acionistas, verdadeiros privatistas de plantão. A nossa força vem da união dos trabalhadores, da responsabilidade da Intercel e da participação do representante dos empregados no Conselho, a mais de duas décadas apoiados pelos sindicatos da Intercel. A representação dos trabalhadores no Conselho tem que estar alinhada com a defesa da Celesc Pública e com os direitos dos trabalhadores, apoiada pelas entidades sindicais para continuar lutando pela Celesc de todos!

SUBESTAÇÃO TELEABANDONADA



A situação das subestações da Celesc em todo o estado é precária. Recentemente publicamos matéria que demonstra o descaso com as subestações no Vale do Itajaí, trazendo insegurança para os trabalhadores da Celesc. É o conceito de Tele Abandono que a Celesc vêm utilizando. A inovação tecnológica utilizada como desculpa para abandonar o patrimônio da empresa.

Em recente visita do sindicato da base à subestação de São Francisco do Sul, norte do estado, mais uma vez foi constatada a situação grave de insegurança e abandono na empresa. A

falta de manutenção preventiva é visível pelo mato que toma conta da subestação. Mas a situação mais grave é do muro da subestação. Velho e mal cuidado, com as chuvas deste verão uma parte dele veio abaixo, deixando o acesso à subestação livre. A solução da Celesc foi patética: colocar um tapume de madeira, que novamente veio abaixo.

A inovação tecnológica é um processo irreversível, mas não pode virar muleta para que a empresa abandone as subestações, levando risco ao povo catarinense.

OPERADORES EVITAM EXPLOÇÃO DE SE

Uma ocorrência na Subestação de Concórdia, esta semana, demonstrou novamente a importância dos Operadores de PA. Ao perceber um ruído anormal no interior da SE, Operadores de PA realizaram uma inspeção, detectando ponto quente no varão da bucha de passagem do cubículo para a linha, com derretimento de material (cobre) na saída do alimentador. Imediatamente foi comunicado o problema ao COS e solicitado ao COD o remanejo de carga e desligamento do

alimentador, prevenindo a explosão da bucha. A explosão desligaria toda a baixa tensão da SE no horário de pico, causando falta de energia nos municípios de Concórdia, Alto Bela Vista, Peritiba e Presidente Castello Branco, bem como em parte do interior dos municípios de Ararutã, Irani e Itá.

Os Operadores de PA de todo o estado sofreram nos últimos anos uma grande "caçada" da empresa. Esta ação é mais uma prova da importância e qualidade destes trabalhadores.

ELEIÇÃO DO CONSELHO TEM 5 CANDIDATOS INSCRITOS

A Comissão Eleitoral da Eleição para Representante dos Empregados no Conselho de Administração da Celesc divulgou neste semana que 5 trabalhadores se inscreveram para a disputa do pleito.

Leandro Nunes da Silva, Geni Machado de Souza, Steve Max da Silva, Rafael Bressan e Braulino Stahelin. O

prazo para impugnação de candidaturas é até as 17 horas de hoje, 5 de fevereiro.

A campanha inicia no dia xx de fevereiro, indo até a véspera da eleição. Os trabalhadores escolherão democraticamente seu representante nos dias 19 e 20 de março. A Intercel novamente apoiará um dos candidatos.

FIM DE CICLO

Está em fase final o atual ciclo do Sistema de Gestão de Desempenho na Eletrosul. Na primeira semana de fevereiro devem ser divulgadas as avaliações aos funcionários (após dois adiamentos de cronograma) e após isto, a recomendação pelo atingimento das metas empresariais, a distribuição de promoções (os ditos méritos). Com o fim do ciclo, será aplicada a segunda rodada do PGC (será?), que é baseada nas avaliações obtidas.

Será que a empresa manterá a mesma falta de transparência dos ciclos anteriores, onde as entidades sindicais tiveram que enviar uma correspondência oficial (CE 37-2014 da Intersul) para que a Eletrosul divulgasse parte das informações? Haverá discrepâncias nos procedimentos, onde em alguns departamentos os gerentes divulgam os promovidos em reuniões de divisão/departamento e em outros não há divulgação nem para quem foi promovido?

Não bastasse os problemas que houveram no passado, este ano não se divulgaram os valores oficiais disponíveis para distribuição das promoções e não divulgaram o cronograma do PGC.

A empresa deveria se espelhar em outras empresas melhor avaliadas em governança corporativa para melhorar as práticas internas para quem sabe obter uma "promoção empresarial".

MAIS UMA TENTATIVA DE PRIVATIZAÇÃO

Mais uma tentativa de privatização no setor elétrico. Dia 28 de janeiro representantes da Intercel, Intersul, junto com Federação Nacional dos Urbanitários participaram de uma audiência pública da Aneel, realizada em Brasília, para discussão de uma proposta da agência de "compartilhamento" de serviços. A Aneel propõe (através da portaria 334/08) reunir 3 ou mais empresas de energia em tomo de um departamento de RH, um departamento de contabilidade, e assim por diante.

Para os sindicatos isto não passa de uma terceirização destes setores com a consequente diminuição de postos de trabalho e atropelos na vida familiar de trabalhadores que serão obrigados a mudar de cidade em virtude da centralização dos serviços. Os eletricitários catarinenses conhecem bem o processo: foi o que aconteceu com a política de operação da Eletrosul.

SINDICATOS PARTICIPAM DE REUNIÃO COM MME

Dando uma de "joão sem braço". Esta foi a impressão passada pelo novo ministro das Minas e Energia, Eduardo Braga, em audiência com eletricitários no dia 29 de janeiro, em Brasília. A Intercel e Intersul estiveram presentes ao encontro e contam que o ministro "lavou as mãos" quanto a renovação das concessões das empresas do setor. Braga disse que a privatização ou não vai depender da vontade dos governos estaduais. Mais uma vez reunidos em volta da Federação Nacional dos Urbanitários teremos uma árdua luta pela frente a fim de impedir, por exemplo, a privatização da Celesc, mantendo a pressão junto a deputados, senadores e formadores de opinião. A FNU contratou estudo de advogado e Dieese que resultou em 17 considerações entregues para análise da Aneel.

CUTUCADAS | CELESC

Diz um boato que corre na Administração Central que tem gente ganhando hora extra indevida. Casos de trabalhadores que saem às 17h da empresa e, por exemplo, fazem academia, voltando às 19h para bater ponto. Outros casos são de trabalhadores no sobreaviso ou "convocados" que dão entrada em hora extra até no domingo, sem ter trabalhado. Cadê o gerente? A Intercel estará solicitando da empresa a responsabilidade do gerenciamento de horas extras.

LINHA VIVA é uma publicação da Intersindical dos Eletricitários de SC
Jornalista responsável: Paulo G. Horn (SRTE/SC 3489) | Conselho Editorial: Davi Coelho
Rua Max Colín, 2368, Joinville, SC | CEP 89206-000 | (047) 3028-2161 | E-mail: sindsc@terra.com.br
As matérias assinadas não correspondem, necessariamente, à opinião do jornal.

O discurso da meritocracia esconde nosso passado mal resolvido

por Leonardo Sakamoto*

A palavra “meritocracia” funciona em um debate como um coringa num jogo de buraco: quando falta carta para bater, ela aparece para salvar uma sequência incompleta. Não fica lá a coisa mais bonita do mundo, mas resolve sua vida porque todo mundo aceita que aquela carta pode preencher um vazio.

“Discordo de cotas étnicas, sociais ou por cor de pele no vestibular porque defendo a meritocracia.”

“A preferência para pessoas com deficiência em seleções de contratação é, a meu ver, um erro porque não segue a meritocracia.”

“Se vivêssemos em uma sociedade em que a meritocracia valesse algo, não haveria porcentagem mínima obrigatória de mulheres candidatas em cada partido nas eleições.”



Ela acaba passando um senso de lógica, racionalidade e Justiça que ergue o interlocutor a um patamar mais elevado dos mortais. Em suma, algo do tipo “venha, querido, não se misture com essa gentinha”. Eu não sou contra que competência e experiência individuais sejam parâmetros de avaliação. Uma coisa é o mérito em si. Outra, um sistema de poder criado em torno dele como justificativa para manutenção do status quo. O problema é que o uso dessa palavra como verdade suprema acaba servindo a quem ignora que as pessoas não tiveram acesso aos mesmos direitos para começarem suas caminhadas individuais e que, portanto, partem de lugares diferentes. Uns mais à frente, outros bem atrás.

Achar que um estudante que comia bolachas de lama, brincava com ossinhos de zebu, andava 167 quilômetros por dia para chegar à escola e ainda trabalhava no matadouro do município para ajudar na renda da família parte com igualdade de condições com outro que frequenta uma escola com laboratórios que simulam gravidade zero e possui professores com pós-doutorado em Oxford e são remunerados à altura, que viaja para um lugar diferente todos os anos a fim de conhecer o mundo e não precisará trabalhar até o final da pós-graduação é um tanto quanto irracional.

Os dois podem chegar lá. Mas se o segundo caso cruza a linha de chegada mais vezes, o primeiro é um a cada milhão. Por isso, essas histórias são contadas e recontadas à exaustão: primeiro, nós gostamos de falar de milagres e, segundo, são histórias úteis para convencer

os outros que se um consegue, todos podem. O que não é verdade. Pois, dessa forma, jogamos a responsabilidade de erros históricos não compensados e de uma desigualdade crônica de condições nas próprias pessoas que terão que vencê-las.

O problema é que o uso dessa palavra (meritocracia) como verdade suprema acaba servindo a quem ignora que as pessoas não tiveram acesso aos mesmos direitos para começarem suas caminhadas individuais e que, portanto, partem de lugares diferentes. Uns mais à frente, outros bem atrás”

Há muita gente contrária a conceder benefícios para tentar equalizar as condições de quem a sorte sorriu menos. Acreditam que a única forma de garantir Justiça é tratar desiguais como iguais e aguardar que as forças do universo façam o resto.

E esse discurso é tão bem contado que, não raro, são apoiados por pessoas que, apesar de largarem em desvantagem, venceram. “Tive uma infância muito pobre e venci mesmo assim. Se pude, todos podem.” Parabéns para você! Mas ao invés de pensar que todos têm que comer o pão que o diabo amassou como você, não seria melhor pensar que um mundo melhor seria aquele em que isso não fosse preciso? De vez em quando penso que, quando nos esforçamos, podemos ser bem mesquinhos.

Como não boto muita fé que o lema “Pátria Educadora” vá resultar em melhoria do sistema educacional público, o que ajudaria a igualar um pouco as condições, e como não é possível acabar com o direito a qualquer herança (o que, hipoteticamente levaria cada geração a começar do zero, mas destruiria a sociedade como a conhecemos), o jeito é continuar apoiando medidas compensatórias e que tratam diferentes de forma diferente.

E demonstrando muito amor e paciência com quem acha que, quem não vence, é vagabundo.

